



Veredas atemática

Volume 20 nº 2 – 2016

Uso dos pronomes-objeto de segunda pessoa na fala de Salvador e de Santo Antônio de Jesus

Gilce de Souza Almeida (UNEB)

RESUMO: Neste artigo, investigamos, a partir do aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, o uso dos pronomes-objeto de segunda pessoa no sistema de tratamento de dois municípios baianos – Salvador e Santo Antônio de Jesus. Defendemos a hipótese de que o uso do pronome *lhe*, amplamente empregado como objeto direto (OD) no falar das duas localidades, está relacionado à faixa etária e ao sexo/gênero dos falantes bem como ao tipo de relação que se estabelece entre eles. Na amostra analisada, verificamos que os falantes com idade entre 45 e 55 anos e 65 anos acima são os que apresentam uso mais produtivo de *lhe* na função de OD de segunda pessoa e, quando observada em correlação ao sexo/gênero do falante, esta variante é mais produtiva entre os homens. Os resultados indicam, ainda, que, nas relações entre indivíduos não-pares (relações assimétricas), há maior constância no uso de *lhe*, o que comprova o traço de mais formalidade da variante.

Palavras-chave: pronomes-objeto; sociolinguística variacionista; segunda pessoa.

1. Introdução

Os traços que definem, de maneira mais evidente, fronteiras linguísticas no Brasil estão relacionados ao âmbito da variação lexical e fonético-fonológica; entretanto, embora em menor proporção, há, no português brasileiro (PB), certas características morfossintáticas que permitem definir isoglossas, a exemplo da distribuição dos subsistemas de tratamento pronominal na posição de sujeito: *tu*; *você* e *tu/você*. Ainda no campo do sistema pronominal, citamos como marca dialetal o emprego de *lhe* como acusativo, fato descrito por Ramos (1999) e Oliveira (2004) como característico da Região Nordeste do país.

Com o objetivo de ratificar esse ponto de vista, analisamos, neste artigo, o emprego das formas de pronome-objeto de segunda pessoa na Bahia, a partir da fala de Salvador (SSA) e de Santo Antônio de Jesus (SAJ), concentrando-nos na variação *lhe/te* na posição de objeto

direto. Para além de considerar a horizontalidade do fenômeno, guiamo-nos pela necessidade de pôr em evidência a sua dimensão social e pragmático-discursiva, de modo que o descrevemos a partir da correlação, no primeiro caso, com as variáveis *faixa etária* e *sexo/gênero*, e, no segundo, com *tipo de relação entre os interlocutores*.

Utilizamos como suporte teórico-metodológico a Sociolinguística Quantitativa Laboviana, que analisa empiricamente os dados linguísticos, submetendo-os a um tratamento estatístico para sistematizar a variação. A Sociolinguística parte do entendimento de que, sendo a língua uma forma de comportamento social (LABOV, 2008 [1972]), ecoam, nas escolhas dos falantes, valores culturais e ideológicos, princípios da organização socioeconômica e características do contexto em que se dão as interações comunicativas.

Os dados utilizados para a análise provêm de amostras de fala de 24 informantes, sendo 12 de cada localidade pesquisada, os quais foram distribuídos de acordo com o sexo/gênero, a faixa etária (25 a 35, 45 a 55 e 65 a 85 anos) e o nível de escolaridade (superior e fundamental). Salientamos que, embora o nível de escolaridade tenha sido utilizado para a estratificação da amostra, sua interferência não foi analisada neste trabalho por ter sido desprezada na análise estatística realizada com o auxílio do programa computacional Goldvarb.

O tema em estudo neste artigo insere-se no quadro das repercussões morfossintáticas geradas a partir da reorganização do quadro pronominal, sobretudo no paradigma de segunda pessoa, e, para a sua abordagem, julgamos pertinente revisitar, na seção a seguir, alguns fatos dessa reorganização, os quais, combinados com os princípios teóricos já apontados, possibilitarão uma discussão mais precisa dos resultados obtidos.

2. Reorganização das formas pronominais de segunda pessoa

O quadro dos pronomes pessoais exibido nas gramáticas e nos livros didáticos de língua portuguesa no Brasil ainda deixa transparecer uma série de contradições e equívocos que evidenciam a inobservância às pesquisas linguísticas atuais. Ainda se ignora, por exemplo, a implementação dos itens *você* e *a gente* entre as formas dos pronomes pessoais a despeito de seu uso generalizado em todo o país. Em um estudo sobre o quadro de pronomes pessoais apresentado em livros didáticos de língua portuguesa usados no ensino fundamental e médio, Lopes (2012) verificou que, em apenas cinco dos quatorze livros pesquisados, a forma *você* aparece ao lado de *tu* no quadro pronominal e, em nenhum deles, a forma *a gente* é incluída como variante da primeira pessoa do plural.

Assumir a inserção dessas formas significaria redefinir todo o paradigma pronominal, uma vez que foram elas as responsáveis por operar todo o conjunto de mudanças morfossintáticas que atingem o sistema de pronomes da língua e alteraram a correspondência entre as pessoas do pronome e as pessoas do verbo. Significaria, por extensão, assumir uma nova postura em relação à língua, o que, para o modelo tradicional de ensino de língua materna, ainda é um desafio a ser superado.

Para a abordagem pretendida neste trabalho, interessa-nos, particularmente, revisitar os aspectos referentes ao paradigma de segunda pessoa, cujo papel na reorganização do quadro pronominal como um todo e na sintaxe do PB foi inicial e decisivo. A especialização de *lhe* como acusativo e sua variação com *te*, fatos aqui analisados, são decorrentes do uso generalizado de *você* como forma de tratamento na maior parte dos dialetos brasileiros.

De forma inicial de tratamento, o *você*, originário da expressão de tratamento *Vossa Mercê*, sofreu um longo processo de desgaste semântico e pragmático e, perdendo seu caráter inicial de cortesia, passou a concorrer com o *tu* em situações informais no quadro dos pronomes pessoais retos a partir do século XIX. A consolidação dessa inovação, contudo, ocorreu primeiramente em sua forma plural, ainda no século XVIII (FARACO, 1996), visto que *vós* era considerado provinciano. Faraco esclarece, ainda, que a degradação semântica sofrida por *vós*, a simplificação fonética de *Vossa Mercê* e o seu uso generalizado como *você* estavam em etapa bastante avançada quando se deu a ocupação do território brasileiro pelos portugueses.

Como corolário da neutralização do pronome *você* no PB, geraram-se no sistema incompatibilidades entre propriedades formais e semântico-discursivas, como mencionado em Lopes (2008), na medida em que este pronome, originário das formas nominais de tratamento, usadas com o verbo na terceira pessoa do singular, continua a ser empregado com o verbo na terceira pessoa, mas, semanticamente, passa a ser interpretado como uma forma interlocutória.

O quadro a seguir, reproduzido de Almeida (2014), fornece uma sistematização das formas pronominais de segunda pessoa em uso corrente no PB. Chamamos atenção para o fato de que a distribuição a seguir não faz a distinção entre usos cultos e não cultos, embora saibamos que há diferenças sensíveis entre as duas normas.

Número / Função	Sujeito	Objeto direto	Objeto indireto	Oblíquo
Singular	você/ocê/cê tu, ti	você/ocê tu, te, lhe o/a	prep. + você/ocê prep. + tu te, lhe	você/ocê ti contigo tu
Plural	vocês/ocês/ cês	vocês/ocês, os/as	prep. + vocês/ocês	vocês/ocês

Q
u
a
d
r
o
0
1
-
D

distribuição dos pronomes pessoais da segunda pessoa do discurso no PB

Fonte: Almeida (2014).

Como é visível por meio da observação do Quadro 01, além da concorrência com *tu* na função subjetiva, registramos o pronome *você* ao lado dos clíticos em outras posições sintáticas. No plural, é notório que o seu emprego é generalizado em todas as funções e, em algumas, como forma exclusiva (OD e complemento oblíquo). Quanto à variação *tu/você*, na maior parte dos estudos, registra-se uma distinção de natureza pragmático-discursiva entre as formas, no sentido de que a primeira apresenta o traço de [-monitoramento] [+solidariedade] e a segunda denota [+monitoramento] [-solidariedade], revelando um tratamento mais distanciado com indivíduos com quem não se mantém relação de intimidade. Além desses fatos, destaca-se, em grande parte do país, a neutralização da forma verbal de segunda pessoa.

No que respeita à reorganização dos clíticos no paradigma de segunda pessoa, reconhecemos a perda da distinção entre o dativo e o acusativo, tendo em vista que, ao lado das formas apontadas na gramática tradicional, para a pronominalização do OD – algumas inclusive em desuso, como *o* e *a* –, co-ocorre *lhe*. Destacamos que a forma plural *lhes* nas funções de OD e OI referindo-se à segunda pessoa não foi registrada nos *corpora* organizados para o estudo das variedades soteropolitana e santoantoniense. Supomos que essa forma seja bem pouco usual no português brasileiro.

Paralelamente aos usos tradicionais de *lhe* no PB, como exemplificados a seguir:

- (1) a. Se o encontrarem, não *lhe* digam nada ainda. (OI – 3ª pessoa)
- b. Meu filho, vou *lhe* contar uma história. (OI – 2ª pessoa)

aparecem as formas inovadoras:

- (2) a. O falante opta por uma forma que não *lhe* comprometa. (OD – 3ª pessoa)
- b. Eu *lhe* vi no cinema ontem. (OD – 2ª pessoa)

A gramática tradicional, embora não inclua *lhe* no paradigma de segunda pessoa, prevê seu uso como clítico dativo de *você* (conforme 1b). Segundo Galves (2001), a subida de *lhe* para essa posição está ligada à introdução de *você* no paradigma pronominal, que faz o verbo perder a marcação de segunda pessoa e cria um contexto favorável ao deslocamento do clítico. O caráter de forma de tratamento associado ao pronome *você* possibilita a sua combinação com clíticos e possessivos de terceira pessoa.

Essas novas possibilidades de combinação das formas dentro do sistema de pronomes são decorrências da fusão dos paradigmas de segunda e terceira pessoas e ocasionaram a famigerada quebra na uniformidade do tratamento, que aqui preferiremos apontar, com base em Lopes (2008), como uma liberdade permitida pela reorganização do sistema de pronomes. Sobre isso, observamos, por exemplo, que, tanto nas áreas do PB em que o *tu* prevalece quanto naquelas onde *você* é a variante preferida como sujeito, manteve-se, na segunda pessoa, o *te*, para o dativo e para o acusativo, em alternância com as formas correlatas ao pronome *você* – *lhe* (acusativo e dativo) e *a/para você*. É este o caso de Salvador, onde prevalece o subsistema de tratamento com a forma *você*, e de Santo Antônio de Jesus, área de alternância *tu/você*.

Dentre as formas para a expressão do acusativo de segunda pessoa identificadas nas comunidades pesquisadas, destacam-se, para a posição acusativa, a concorrência entre os clíticos *te*, *lhe* e *o/a*; os pronomes lexicais *você* e *o senhor/a senhora* e o objeto nulo, respectivamente, exemplificada¹ a seguir:

- (3) a. ... quem *lhe* falou que *te* traí...
- b. ... desculpa pelo som alto... se tô *lhe* incomodando...

¹ Os exemplos foram extraídos do *corpus* constituído por Almeida (2014) para estudo da fala do município de Santo Antônio de Jesus.

c. ... vai ser um prazer recebê-lo...

- (4) a. ... acho *você* uma pessoa excepcional...
b. ... eu não ouvi *a senhora* me chamar.

- (5) menina, como tu tá bonita... não conheci \emptyset não.

Para o dativo, também destacamos o emprego de *te* (quem *te* falou...) e *lhe* (eu tô *lhe* dizendo...), além das estratégias com preposição *a/para* você (Eu digo *a você*.../ eu falo *pra você*) e o objeto nulo (eu te dava... eu dava \emptyset uma caixa de bombons).

O exame dos dados provenientes dessas duas comunidades ratifica o ponto de vista de que as transformações ocorridas no quadro pronominal repercutem com intensidade na sintaxe de complementação no paradigma de segunda pessoa, onde podemos observar a fixação do clítico *lhe* como forma acusativa, a utilização de sintagmas preposicionais para a realização do dativo e o uso da estratégia com o objeto nulo tanto para o acusativo como para o dativo. Dentre essas inovações, damos atenção ao sincretismo de pessoa e de função experimentado pelo clítico pronominal *lhe*, que, estando em desuso em sua função tradicional como dativo anafórico de terceira pessoa, alterna entre o dativo e o acusativo de segunda pessoa em concorrência com *te* na fala das localidades pesquisadas.

Na próxima seção, passamos ao exame dos resultados observados quanto à alternância *lhe/te* como objeto acusativo em Santo Antônio de Jesus e Salvador.

3. Examinando os resultados obtidos

Os dados para este trabalho foram extraídos dos *corpora* organizados para as análises da fala soteropolitana e santoantoniense (ALMEIDA, 2009; 2014, respectivamente), através de questionários especialmente organizados para a captação das formas de segunda pessoa, tendo em vista a dificuldade de sua obtenção por meio das conhecidas entrevistas sociolinguísticas. A amostra aqui constituída constou de dados de 24 informantes, sendo 12 de cada um dos *corpora*, organizados segundo o sexo/gênero, a faixa etária (25 a 35 anos, 45 a 55 anos e 65 acima) e o nível de escolaridade (ensino fundamental e ensino superior).

Nessa amostra, foram encontradas, ao total, 516 formas de representação do OD de segunda pessoa, cuja distribuição está no gráfico a seguir:

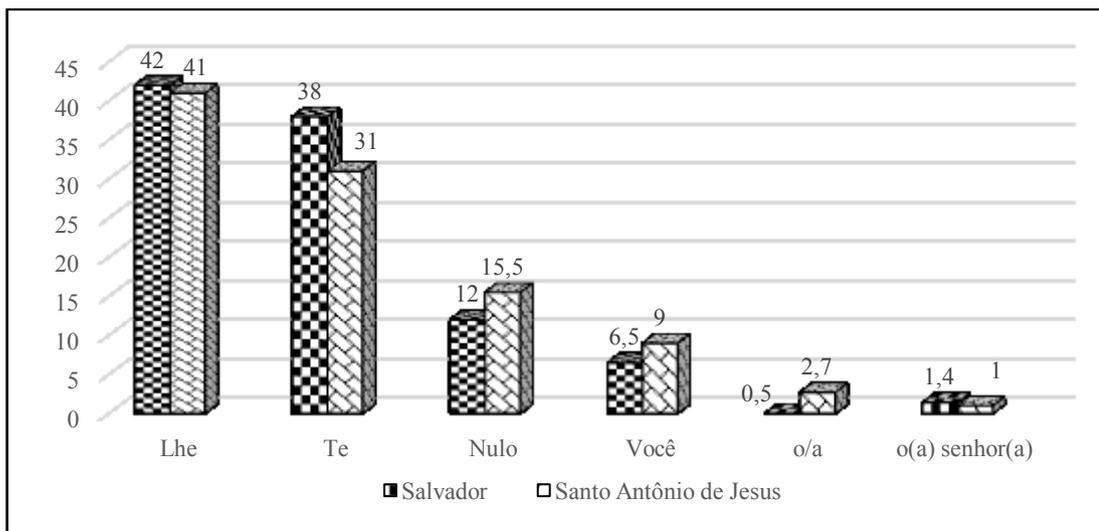


Gráfico 01 – Formas de representação do OD em Salvador e em Santo Antônio de Jesus (%)

Por essa apresentação geral dos dados, depreendemos que, em ambas as localidades, há predileção pelo clítico *lhe* na posição de objeto direto, com 42% (91/218) em Salvador e 41% (122/298) em Santo Antônio de Jesus. O pronome *te* foi a segunda variante mais empregada, com 38% (83/218) e 31% (92/298), respectivamente. Em SAJ detectamos índices discretamente maiores para o emprego das estratégias *objeto nulo* (15,5%), *pronome lexical você* (9%) e *clítico acusativo o/a* (2,7%) quando comparados com aqueles obtidos para a capital, que foram, respectivamente: 12%, 6,5% e 0,5%. O percentual de uso de clíticos acusativos canônicos em SAJ, contudo, deve ser visto com cautela, uma vez que a metade das oito ocorrências encontradas foi produzida por uma mesma informante na mesma sequência discursiva:

- (6) Olha, senhor, eu vim aqui na verdade pra marcar o meu exame, em momento algum eu *o* desacatei... mas não que eu tenha *o* desacatado, eu quero que o senhor me desculpe se achou que eu *o* desacatei, que eu *o* respeitei, mas eu tenho plena consciência ... saiba que eu fui muito sincera e que em momento algum eu desrespeitei o senhor ou qualquer um outro.

Os pronomes *o senhor/a senhora* apareceram na função de OD de forma muito reduzida: 1,4% em Salvador e 1% em Santo Antônio de Jesus.

Os resultados observados no gráfico sugerem que a tendência ao apagamento dos clíticos no PB não atinge com a mesma intensidade a segunda pessoa haja vista a ampla concorrência entre as formas clíticas para o seu preenchimento. Ratificamos, assim, a produtividade de *lhe* no PB, com sua especialização na segunda pessoa, e a hipótese da hierarquia referencial (CYRINO et al, 2000), segundo a qual o apagamento dos clíticos inicia-se pelos itens [- referenciais/animados]. Segundo Kato (manuscrito apud RAMOS, 1999, p. 75-6), "...o falante (eu) e o ouvinte (tu), sendo inerentemente humanos, são os mais altos na hierarquia, e o pronome de terceira pessoa que se refere a uma proposição, o mais baixo, com a entidade [-animada] numa posição intermediária".

Feita a distribuição inicial de todas as estratégias para representação do OD encontradas nas comunidades, interessa-nos examinar a alternância entre as formas *lhe* e *te*, que, isoladas das demais, alcançaram, respectivamente, frequências de 52% e 48%, em Salvador, e 57% e 43% para Santo Antônio de Jesus. A análise quantitativa não revelou o fator localidade como um critério relevante neste estudo, o que demonstra, portanto, que SSA e SAJ não se distinguem quanto à presença das variantes, embora seus subsistemas de tratamento sejam diferentes, como já apontado. Podemos assim representar a correlação entre os sistemas de tratamento de ambas as comunidades e as formas clíticas acusativas:

Localidade	Formas subjetivas de tratamento	Formas de OD
Salvador	você	te/lhe
Santo Antônio de Jesus	tu/você	te/lhe

Quadro 02 – Correlação entre as formas subjetivas de tratamento e a representação do OD em Salvador e em Santo Antônio de Jesus

Hipotetizamos, com base em considerações de Lopes (2012), que a explicação para esse quadro reside no fato de que certos contextos morfossintáticos foram mais restritivos à implementação de *você*, a exemplo da posição de complemento direto, de modo que se mantiveram nessa posição a forma conservadora *te* juntamente com a forma inovadora *lhe*, implementada a partir da inserção de *você* como forma subjetiva no paradigma de segunda pessoa. Lopes (2012), em um estudo a partir de cartas de algumas famílias que viveram no Rio de Janeiro de 1870 a 1937, detectou a combinação das formas subjetivas *tu/você* com as formas de complemento acusativo (*o*, *a*, *te*), conforme exposto na Tabela 01, a seguir:

Sujeito \ Acusativo	Te	Você	Ø	Clítico a	Total
Tu (exclusivo) ²	72/99%	-	-	1/1%	73
Você (exclusivo)	03/75%	01/25%	-	-	04
Tu/você (misto)	82/90%	7/8%	2/2%	-	91
Total	157	08	02	01	168

Tabela 01 - Correlação do complemento acusativo (OD) de 2ª pessoa com o sujeito em cartas do Rio de Janeiro (1870- 1937)

Fonte: Lopes (2012, p. 130)

Os dados apresentados demonstram que o uso do clítico *te* prevaleceu entre as formas de acusativo empregadas nas cartas, aparecendo, inclusive, com uma frequência de 75% quando o remetente optou exclusivamente pelo *você* na posição de sujeito. Consideremos, porém, que esse resultado é apenas sugestivo, tendo em vista que estamos lidando com uma amostra reduzida, que forneceu apenas três ocorrências de uso exclusivo de *você*. Quando a

² A denominação “exclusivo” significa que o remetente usou apenas a forma indicada e “misto”, que oscilou entre *tu* e *você*.

escolha do remetente foi apenas o *tu*, a combinação com o acusativo *te* foi quase categórica, mas o que queremos destacar é que a combinação *você/te* já estava presente na língua.

Retomando os resultados da variação *lhe/te* em SSA e SAJ, destacamos a alta produtividade de *lhe* em ambas as localidades, fato que serve como argumento para a hipótese de que o uso de *lhe* como OD representa uma marca dialetal do Nordeste. Isso se torna evidente sobretudo quando comparamos este resultado àquele encontrado por Dalto (2002), conforme tabela a seguir:

Pronome-objeto de 2ª pessoa	Localidade		
	Florianópolis	Curitiba	Porto Alegre
te	77	121	116
você	-	3	-
vocês	-	-	4
a senhora	1	-	1
lhe	12	4	6
pra ti	29	-	10
a vocês	-	1	-
pra você	5	38	-
pra vocês	3	4	4
pra senhora	1	1	-
Ø (2ª p)	29	24	23
Total	157	196	164

Tabela 02 – Os pronomes-objeto de segunda pessoa na fala da região Sul
Fonte: dalto (2002, p. 95)

Embora a autora não analise separadamente formas de objeto indireto e de objeto direto, observando os números referentes aos pronomes *te* e *lhe*, é notória a pouca expressividade deste último nas três capitais da região Sul, ao passo que *te* apresenta-se como a variante mais produtiva, mesmo em Curitiba, onde os estudos linguísticos não registram a forma *tu*.

O estudo da correlação de *lhe* acusativo em SSA e em SAJ com as variáveis apontou como influenciadoras da variação estudada a *faixa etária*, o *sexo/gênero* e o *tipo de relação entre os interlocutores*, cujos resultados serão expostos a seguir.

A hipótese inicial apontada para a variável *faixa etária* considerava que os falantes da faixa 3 (65 acima) teriam predileção por *lhe*, dado que o comportamento mais conservador atribuído a esse grupo o faria optar por uma forma com traço [+respeito/cortesia], ao contrário dos jovens, que, demonstrando em seu comportamento linguístico a informalidade dos dias atuais, segundo nossa hipótese, fariam opção por *te*. Os resultados são apontados no Gráfico a seguir:

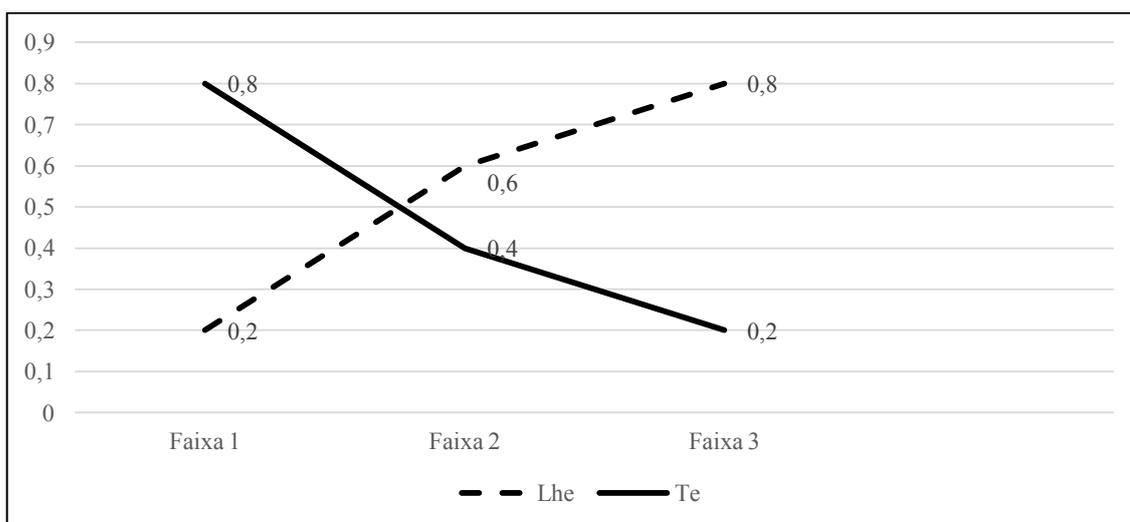


Gráfico 02 – Atuação da variável *faixa etária* no uso de *lhe* como OD em SSA e SAJ (peso relativo)

Verificamos que a retenção de *lhe* como OD ocorre entre os falantes com idade entre 45 e 55 anos (faixa 2) e 65 acima (faixa 3). Os pesos relativos para os fatores que representam essas faixas de idade foram 0,6 e 0,8, respectivamente. Entre os falantes jovens – 25 e 35 anos –, prevalece o uso da variante mais informal. Acreditamos que, com a introdução de *você* na comunidade, os clíticos correspondentes a essa forma tenham se sobreposto ao *te*, de modo que se justifica que falantes mais velhos tenham preferência por esse pronome. A faixa 2, cujos falantes têm entre 45 e 55 anos, também atua favorecendo a ocorrência do pronome, mas em menor proporção, se comparada à faixa 3. A ocorrência de *lhe* entre falantes mais jovens é pouco expressiva, como se observa pelo peso relativo de 0,2.

A correlação do fenômeno investigado com o fator sexo/gênero deve ser visto com certa cautela, tendo em vista que, pelo traço pragmático característico das variantes, é necessário levar em conta a adequação ao interlocutor. Se partirmos da hipótese corrente de que as mulheres, em geral, tendem a recorrer aos usos mais formais, poderíamos supor que elas revelariam predileção pelo uso de *lhe*. Sabendo, contudo, que as entrevistas realizadas para a captação dos dados foram registradas por documentadores do sexo/gênero feminino e que as mulheres tendem a ser mais solidárias entre si, no que se refere ao tratamento utilizado, estabelecemos a hipótese de que empregariam com mais frequência a variante que indica mais envolvimento/solidariedade, o *te*, enquanto os homens empregariam com maior frequência o *lhe*, que sugere menos envolvimento/solidariedade. Os resultados expostos no Gráfico atestam que houve comprovação da hipótese inicialmente estabelecida.



Gráfico 03 – atuação da variável *sexo/gênero* no uso de *lhe* como OD em SSA e SAJ

O peso relativo de 0,65 para o fator *sexo/gênero masculino* deixa evidente que há preferência desse grupo pela forma *lhe*, ao passo que as mulheres são mais sensíveis à variante com traço [+intimidade/solidariedade] nos dados das duas comunidades.

A sociolinguística descreve dois princípios básicos para a atuação da variável *sexo/gênero* sobre os fenômenos em variação: a) os homens usam mais frequentemente as formas não-padrão quando há na comunidade uma variação estável; e b) as mulheres mostram-se mais inovadoras, usando formas não-padrão, quando se está diante de uma mudança em curso. No caso do fenômeno aqui investigado, é preciso admitir que há certa dificuldade em caracterizar as variantes como padrão e não padrão, uma vez que seus usos tais como ocorrem no PB não são prescritos pela tradição gramatical. Salienta-se, contudo, que não parece haver avaliação negativa das variantes na comunidade.

Na maior parte dos estudos sobre o tratamento *tu/você* no PB, registra-se uma distinção de natureza pragmático-discursiva entre as formas, no sentido de que apresentam, respectivamente, os traços [+solidariedade/intimidade] e [+respeito/ cortesia]. Advogamos que tais características são estendidas aos pronomes correlatos *lhe* e *te*. Em outras palavras, se *tu* é uma variante usada para contextos de [+solidariedade/intimidade], *te* também o será; de maneira análoga, se *você*, apesar de ter um caráter de mais neutralidade, na medida em que alterna entre contextos formais e informais, apresenta o traço [-solidariedade/intimidade], *lhe* também receberá essa característica. Nessa perspectiva, a variável *tipo de relação entre os interlocutores* avalia o uso das formas pronominais em função da relação estabelecida entre os participantes da atividade comunicativa.

Para a codificação deste grupo de fatores, fez-se um levantamento exaustivo das relações observadas nos *corpora*, que, inicialmente, foram assim agrupadas: a) Relação simétrica/de igualdade – entre pessoas de uma mesma faixa etária, entre irmãos, entre amigos etc; b) Relação assimétrica ascendente – de inferior para superior, de jovem para velhos, de filhos para pai etc.; c) Relação assimétrica descendente – de superior para inferior, de velho para jovem, de pai para filho, de chefe para funcionário etc; e d) Relação entre desconhecidos.

A relação entre desconhecidos foi codificada separadamente dada a dificuldade de categorizá-la como ascendente ou descendente, visto que nem sempre era possível identificar a faixa etária do interlocutor ou o seu papel social. A análise estatística da amostra aqui analisada revelou escolha categórica de *lhe* nesse contexto, de modo que, para a análise da

variação, tivemos de excluí-lo. Inicialmente, pretendíamos codificar sob o rótulo de *discurso genérico* as construções em que o falante não se referia a um interlocutor determinado, antes fazia uma referência genérica, como em (7), contudo, encontramos apenas quatro ocorrências, nas quais, inclusive, houve apenas o uso de *lhe*, de modo que também precisaram ser excluídas da análise. Assim, hipotetizamos, que pelo seu traço de neutralidade, o *lhe* seria o clítico mais usual em referências mais genéricas.

- (7) [...] porque as vezes você faz uma coisa pensando que tá acertando e você está errando, então precisa de outra pessoa pra *lhe* mostrar isso.

Com o estudo da variável *tipo de relação entre os interlocutores*, procuramos averiguar, ainda, a hipótese de que o clítico pronominal *lhe*, embora na variedade do português estudada também se estenda a usos em relações solidárias, seria favorecido entre interlocutores não-pares, ou seja, onde as relações denotam menor solidariedade/intimidade, visto que há uma preocupação em preservar a própria face³ e a do outro, evitando assim o conflito. Nesse sentido, o locutor deve considerar que seu enunciado esteja em consonância com suas intenções e com a categoria e o papel de seu interlocutor. Para manter uma interação cordial, é necessário usar convenientemente todos os meios que a linguagem põe à disposição dos falantes.

Em relação às formas de tratamento, de modo geral existem estratégias que possibilitam a expressão de valores como solidariedade, cortesia, deferência, formalidade, informalidade, etc. Assim, numa comunidade onde há alternância entre formas que denotam tratamento [+solidário/íntimo/informal] e [-solidário/íntimo/informal], o falante numa tentativa de preservar a sua face ou a de seu interlocutor pode alternar o uso de pronome mais formal para um menos informal e vice-versa. Assim, partimos da hipótese de que em relações assimétricas ascendentes, o falante faria opção pelo uso de *lhe*, dado o valor de cortesia associado à forma, recorrendo, assim, a uma estratégia de polidez para preservar a face dos interactantes. Os resultados fornecidos pelo Goldvarb estão dispostos na Tabela 03:

Tipo de relação	Apl./Total	%	P.R.
assimétrica ascendente	28/36	78	0.8
simétrica	56/104	55	0.4
assimétrica descendente	40/73	55	0.4
Total	124/213	58,2	—

Tabela 03 – Atuação da variável *tipo de relação entre os interlocutores* no uso de *lhe* como OD em SSA e SAJ

³ Pela teoria da polidez (BROWN; LEVINSON, 1987), o conceito de *face* está ligado à imagem pública que o sujeito deseja para si.

Os números ratificam as conclusões já apresentadas sobre o traço de respeito/cortesia do *lhe*. Está claro que a diferenciação pragmática entre os clíticos *lhe* e *te* é bem acentuada. O peso relativo de 0.8 para o fator *relação assimétrica ascendente* comprova que, quando o falante dirige-se a um interlocutor com quem mantém certo distanciamento ou quando deseja demonstrar deferência, dá preferência ao clítico *lhe*. Nas relações e assimétricas descendentes, os pesos relativos gerados pelo Goldvarb foram idênticos (0.4) e indicam que *lhe* não é uma variante tão produtiva nessas relações. No primeiro caso, a existência de reciprocidade implica maior restrição à variante com traço de formalidade e, no segundo, por se tratar de relações hierárquicas de superior para inferior, de velho para jovem, de pai para filho, de chefe para funcionário etc., o locutor acaba tendendo a recorrer à variante menos formal.

4. Conclusão

Neste artigo, buscamos analisar a correlação entre variáveis sociais e pragmático-discursivas e o uso das formas objetivas de segunda pessoa *lhe* e *te* a partir de dados da capital baiana e de município de Santo Antônio de Jesus. Tais localidades apresentam subsistemas de tratamento diferentes, mas se assemelham na ocorrência das formas de representação do objeto direto. Demonstramos, a partir dos dados da amostra analisada, que os falantes têm predileção pelo uso de *lhe* como OD em oposição a *te*, o que nos sugere a existência de uma isoglossa definindo o Nordeste do Brasil como área de uso dessa variante.

Verificamos a existência de retenção de *lhe* como OD entre os falantes com idade entre 45 e 55 anos (faixa 2) e 65 acima (faixa 3), fato que justificamos pela tendência, nesses grupos etários, à escolha de variantes com traço de maior formalidade ([+respeito/cortesia]). Quando vista sob a influência da variável sexo/gênero, ficou demonstrado que a variante *lhe* representa a predileção do sexo/gênero masculino. Ao passo que o sexo/gênero feminino, em geral, opta pela forma que indica mais solidariedade. Destacamos, contudo, que esse resultado muito provavelmente foi influenciado pelo fato de as entrevistas terem sido realizadas por mulheres.

Ficou evidenciado que há uma definição do valor pragmático das variantes ao se observar a interferência do grupo de fatores *tipo de relação entre os interlocutores*. Embora, o clítico *lhe* tenha sido usado em relações solidárias nas amostra, demonstramos que seu emprego é mais produtivo nas relações entre interlocutores não-pares (relações assimétricas ascendentes), uma vez que a escolha pela variante com o traço [-respeito/cortesia] poderia ocasionar certo desconforto nas relações, dada a definição de um caráter de intimidade que inexistente.

Use of second person object pronouns in the speech of Salvador and Santo Antonio de Jesus

ABSTRACT: In this article, we investigate, from the theoretical and methodological support of Sociolinguistics Variationist, the use of second person object pronouns in two cities in Bahia treatment system - Salvador and Santo Antonio de Jesus. We defend the hypothesis that the use of the pronoun *lhe*, widely used as direct object in speech of the two locations, is related to the age and sex/gender of the speakers as well as the type of relationship established between them. In the analyzed sample, we found that speakers aged 45 to 55 years and 65 years

above are those who present a more productive use of it in the function of second person OD and, when observed in relation to the sex/gender of the speaker, this variant is more productive among men. The results also indicate that, in the relations between non-pairs (asymmetric relations), there is greater constancy in the use of it, which proves the more formality of the variant.

Keywords: object pronouns; sociolinguistics variationist; second person.

Referências

ALMEIDA, Gilce de Souza. *Quem te viu quem lhe vê: a expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador*. 2009. 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

ALMEIDA, Gilce de Souza. *Uso variável dos pronomes-objeto na expressão do dativo e do acusativo de segunda pessoa em Santo Antônio de Jesus – BA*. 2014. 250 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

BROWN, Roger & GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T.A. et al. *Style in language*. Cambridge: The MIT Press, 1960. p. 253-276.

BROWN, Roger & LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CYRINO, Sonia Maria Lazarino. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, Esmeralda Viotti. (Orgs.). *The Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 55-74.

DALTO, Cristiane Dias de Lima. *Estudo sociolinguístico dos pronomes-objeto de primeira e de segunda pessoas nas três capitais do Sul do Brasil*. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba: Editora da UFPR, n. 13, p. 51-82, 1996.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, Celia Regina dos Santos. Retratos da variação entre "você" e "tu" no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara. (Org.). *Português Brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, 2008, v. 2. p. 55-71.

LOPES, Célia Regina dos Santos. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.19, n.30, jan./jun. 2012

OLIVEIRA, Marilza de. A perda da preposição *a* e a recategorização de *lhe*. *Estudos lingüísticos*, São Paulo, v. 23, p. 292-297, 2004.

RAMOS, Conceição de Maria Araújo. *O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro / espanhol peninsular*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

Data de envio: 17/10/2015
Data de aceite: 31/05/2016
Data da publicação: 23/12/2016